

# EDITORIAL

A MAIOR instituição pública de ensino superior moçambicana, a Universidade Eduardo Mondlane, esteve reunida, nos últimos dois dias, na capital do país, num encontro anual consultivo destinado fundamentalmente ao plano Estratégico para os próximos cinco anos, no âmbito do espírito do programa "Repensar o Ensino Superior em Moçambique", iniciado há dois anos. O referido plano esboça aquilo que deve ser a UEM no seu desempenho no tocante à melhoria da qualidade de ensino e à expansão do ensino superior no país, com vista a responder às mais crescentes exigências da sociedade no seu todo face aos actuais desafios que se apresentam em prol do desenvolvimento sócio-económico de Moçambique.

Em qualquer país, as instituições de ensino são criadas para responder às exigências que lhe são colocadas pela sociedade, procurando formar indivíduos que possam ser úteis no meio ambiente social em que se encontram inseridos. Desse modo, o ensino deve ter capacidade de a todo o momento acompanhar a dinâmica da sociedade, sob pena de estar a formar indivíduos em cursos que podem estar desajustados à realidade política e sócio-económica do país.

Daí o plano estratégico da UEM apontar e propor uma reflexão sobre o tipo de ensino a ser ministrado a médio e longo prazos, incluindo a revisão curricular, investigação, retenção do pessoal universitário, o incremento da cooperação, entre outras acções. Mereceu igualmente, como tema de debate, a possibilidade da introdução de novos cursos, tendo em conta as potencialidades nacionais, nomeadamente nas áreas do turismo, ciências marinhas, ciências de informação e comunicação, entre outras.

Num momento em que se mostra imprescindível a formulação de estratégias conducentes a um desenvolvimento equilibrado e sustentável do país, é fundamental que se pense como o ensino superior pode contribuir para se atingir esse objectivo. As assimetrias de desenvolvimento regional só podem ser minimizadas e gradualmente ultrapassadas não só com a expansão do ensino superior do sector público, mas também através de outras forças vivas da sociedade, como as confissões religiosas e o sector privado, como já está a acontecer com a Universidade Católica e com o Instituto Superior Politécnico e Universitário, nas províncias de Sofala, Nampula e Zambézia.

A expansão do ensino superior para fora da capital do país, onde actualmente estão concentrados os estabelecimentos públicos deste nível, é uma acção que se mostra difícil de ser concretizada, dada à carência de recursos financeiros, materiais e humanos. Das três instituições de ensino superior do sector público com que Moçambique conta neste momento, somente a Universidade Pedagógica deu alguns passos nesse sentido, com a criação de delegações nas cidades da Beira e Nampula.

A Universidade Eduardo Mondlane, como a instituição mais antiga do ensino superior, tem de assumir o seu papel de dinamizador e na delineação de estratégias conducentes para que a médio e longo prazos esse sonho se torne uma realidade, não obstante os actuais constrangimentos com que se debate, que são extensivos a outros sectores da vida nacional. Deste modo, tendo em conta as potencialidades de cada região, é preciso reflectir na possibilidade de criação de cursos superiores que tenham em conta esta realidade e capazes de formar graduados que se fixem e contribuam para o desenvolvimento local.

Este é um desafio que se coloca na presente fase, não só para a Universidade Eduardo Mondlane entanto que uma instituição pública de ensino, como também para as forças vivas da sociedade moçambicana, para que uma larga faixa de cidadãos do nosso país tenham igualdade de oportunidades de acesso à formação universitária. Só se seguindo neste caminho é que será possível fazer com que o ensino superior tenha o papel que se pretende no domínio da ciência e da técnica, como pressuposto básico para a dinamização do desenvolvimento sócio-económico do país.

N. 17/4/98